

ENSAIO SOBRE O MÉTODO DE PESQUISA MARXISTA: UMA PERSPECTIVA DO MATERIALISMO DIALÉTICO

ESSAY ABOUT THE MARXIST METHOD OF RESEARCH. AN OVERVIEW
OF DIALECTICAL MATERIALISM.

Oswaldo José Sobral¹

RESUMO

Este ensaio científico foi produzido a partir da monografia intitulada “A Divisão Social do Trabalho nas Formações Econômico-Sociais Pré-Capitalistas segundo o Materialismo Dialético de Karl Marx” – elaborada na disciplina “O Método Dialético em Marx”, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás (FE/UFG), no primeiro semestre de 2006. E, para tanto, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, que buscou um aporte teórico em: Bock, Furtado e Teixeira (2002); Chauí (2001); Hobsbawm (1991); Marconi e Lakatos (2005); Marx e Engels (1991); Meksenas (2011); Mendonça, Rocha e Nunes (2008); Silva e Silveira (2008). No desenvolvimento é apresentada uma perspectiva do Materialista Dialético de Karl Marx, discutindo sobremaneira a divisão social do trabalho nas formações econômicas pré-capitalistas e capitalistas, além da luta de classes; e do Método de Pesquisa Marxista, a partir da compreensão da ideologia do poder dominante e de leis fundamentais que buscam compreender as contradições estabelecidas, historicamente, nas relações sociais. Finalmente, considera-se que o Método Dialético em Marx busca um procedimento racional que opere um “descortinamento”, desvelando a realidade que é opaca, pois, ainda que seja real, é falsa. Seu “objeto” de investigação só é “encontrado” na mediação histórica, por meio dos conceitos que o sujeito da pesquisa traz consigo. Portanto, o Método Marxista procura sair do imediatismo para uma compreensão mediada da realidade, buscando uma apreensão do “real”, do simples ao complexo, da parte ao todo, singular ao universal, do abstrato ao concreto e da aparência à essência das coisas.

PALAVRAS-CHAVES: METODOLOGIA CIENTÍFICA; MÉTODO; MARXISMO; MATERIALISMO DIALÉTICO.

ABSTRACT

This scientific paper was produced from the monograph entitled “The Social Division of Labor in the Economic and Social Formations Pre-Capitalist

¹ Psicólogo, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Especialista em Docência Universitária e graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG-UnU/Inhumas) e da Faculdade de Inhumas (FacMais).

according to the Dialectical Materialism of Karl Marx” – written in the subject “The Dialectical Method in Marx”, of the Program of Post-Graduate in Education, of the Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás (FE/UFG), in the first half of 2006. And for this, the methodology used was bibliographical survey, which sought a theoretical basis on: Bock, Furtado and Teixeira (2002); Chauí (2001), Hobsbawm (1991), Marconi and Lakatos (2005), Marx and Engels (1991); Meksenas (2011); Mendonca, Rocha and Nunes (2008), Silva and Silveira (2008). In the development presents a perspective of the Dialectical Materialism of Karl Marx, discussing the social division of labor in the economic formations pre-capitalist and capitalists, and the class struggle, and the Search Method Marxist from the understanding of the ideology of power dominant and fundamental laws that seek to understand the contradictions established, historically, in social relations. Finally, it is considered that the Dialectical Method of Marx seeks a rational procedure that operates an “unveiling”, revealing the reality that is opaque, because, although real, is false. Its “object” research only “found” in the historical mediation, through the concepts that the subject of research brings. Therefore, the Marxist Method try out of the immediatism for a mediated understanding of reality, seeking an apprehension of the “real”, from simple to complex, from part to whole, singular to the universal, from abstract to concrete and appearance to the essence of things.

KEYWORDS: SCIENTIFIC METHODOLOGY, METHOD, MARXISM; DIALECTICAL MATERIALISM.

Introdução

O presente texto foi produzido a partir da monografia intitulada “A Divisão Social do Trabalho nas Formações Econômico-Sociais Pré-Capitalistas segundo o Materialismo Dialético de Karl Marx” – elaborada na disciplina “O Método Dialético em Marx”, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás (FE/UFG), ministrada pelas Professoras Dr^a. Anita Cristina Azevedo Resende e Dr^a. Marília Gouvêa de Miranda, no primeiro semestre de 2006. Nesta perspectiva, pretende-se, agora, expressar uma visão a respeito do Método Materialista Dialético, na concepção marxista.

Posto isso, é preciso iniciar este ensaio científico “formal” (SILVA, SILVEIRA, 2008, p. 144) apresentando uma concepção de Metodologia, mais especificamente, a “Metodologia Científica” que compreende a dimensão teórica da pesquisa e “reflete sobre os métodos e sua ligação com a produção do saber nas mais diversas ciências, englobando também uma parte de epistemologia” (SILVA, SILVEIRA, 2008, p. 145-146). Para tanto, torna-se necessário conceituar Método, que de acordo com Meksenas (2011, p. 73),

o termo *méthodos* é composto por duas outras palavras gregas: *metá*, que significa buscar, perseguir, procura, e *odós*, caminho, passagem, rota. No sentido figurado, a justaposição dessas duas palavras significa a *maneira de fazer* ou o *meio para fazer*. *Méthodos* pode, então, compreender uma pesquisa que é realizar a partir de um plano inicial [projeto] e segue um conjunto de regras racionais [metodologia], aceitas pela comunidade dos cientistas. (grifado no original).

Por conseguinte, o “método” pode ser caracterizado como uma conjunção “das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança, e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros –, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista” (MARCONI; LAKATOS, 2005, p. 83).

Vale enfatizar, também, que a característica metodológica das ciências humanas – que pode ser considerada como uma dificuldade pelos pesquisadores positivistas – é a de que seu “objeto” de estudo, o homem, não é passivo e controlável como o “objeto” das ciências naturais como, por

exemplo, a física. Outro questionamento é o de que o cientista, o pesquisador, poder confundir-se com o “objeto” a ser pesquisado. No caso da pesquisa na área das humanidades, por exemplo, o homem é o próprio “objeto” de estudo, que será pesquisado por outro homem, que pertence à categoria a ser investigada. Portanto, a sua própria concepção de homem ou suas escolhas temáticas podem estar imbuídas de motivações afetivas e, portanto, “contaminar” a sua pesquisa. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p. 21).

Após conceituar Método e Metodologia Científica, este ensaio abordará, especificamente, o método elaborado pelo economista e filósofo alemão Karl Heinrich Marx (1818-1883), o Materialismo Dialético, ou Marxismo. Para tanto, o procedimento metodológico utilizado, neste ensaio, foi a pesquisa bibliográfica, que buscou um aporte teórico nas obras, já citadas, de: Bock, Furtado e Teixeira (2002); Marconi e Lakatos (2005); Meksenas (2011); Silva e Silveira (2008); e, ainda, Mendonça, Rocha e Nunes (2008). E, para o aprofundamento da temática investigada: Chauí (2001); Hobsbawm (1991); Marx e Engels (1991).

O Materialismo Dialético de Karl Marx

Quando os homens trabalham uns para os outros, mas esses não realizam as mesmas tarefas, executando produtos diferentes ou partes de um mesmo produto, realiza-se uma atividade produtiva conjunta de divisão e cooperação no trabalho. Esta forma de atividade surge, primeiro, como uma divisão espontânea de trabalho entre homens e mulheres ou entre adultos, anciãos ou crianças. Com o desenvolvimento e diferenciação dos objetos e meios de trabalho, caminhou-se para uma especialização que se refletiu no seio das primeiras unidades de produção. Mesmo nas suas formas rudimentares, a divisão do trabalho dá lugar a um sistema de relações específicas e permanentes entre os indivíduos que integram um grupo.

A divisão social do trabalho surge quando grupos de produtores realizam atividades específicas em consequência do avanço de certo grau de desenvolvimento das forças produtivas e de organização interna das comunidades. Fato que resultou na formação de grupos especializados nas diferentes atividades produtivas e, também, na obtenção de níveis de

produtividade que permitem a criação de excedentes econômicos. Tal formação alia-se à tendência para a apropriação, numa primeira fase, dos instrumentos de trabalho e, posteriormente, dos meios de produção restantes. E, ainda, estabelecem-se relações sociais entre os sujeitos, no que diz respeito ao uso e posse dos instrumentos, dos materiais e até dos bens produzidos. Portanto, tanto as formações sociais pré-capitalistas como as capitalistas, foram constituídas por intermédio de um processo histórico e dialético, no qual a divisão social do trabalho, que

[...] iniciada na família, prossegue na sociedade e, [...] à medida que, numa formação social, uma forma determinada da divisão social se estabiliza, se fixa e se repete, cada indivíduo passa a ter uma atividade determinada e exclusiva, que lhe é atribuída pelo conjunto das relações sociais, pelo estágio das forças produtivas e pela forma da propriedade. Cada um, por causa da fixidez e da repetição de seu lugar e de sua atividade, tende a considerá-los naturais (por exemplo, quando alguém julga que faz o que faz porque tem talento ou vocação natural para isso; quando alguém julga que, por natureza, os negros foram feitos para serem escravos; quando alguém julga que, por natureza, as mulheres foram feitas para a maternidade e o trabalho doméstico). (CHAUÍ, 2001, p. 220-221).

No entanto, Eric J. Hobsbawm – na introdução acrescentada à obra de Marx, “Formações Econômicas Pré-Capitalistas” (1857/1858), pela tradução inglesa de 1964 –, afirma que

a base objetiva do humanismo de Marx e, simultaneamente, de sua teoria da evolução social e econômica é a análise do homem como um animal social. O homem – ou melhor, os homens – realizam trabalho, isto é, criam e reproduzem sua existência na prática diária, ao respirar, ao buscar alimento, abrigo, amor, etc. Fazem isto atuando na natureza, tirando da natureza (e, às vezes, transformando-a conscientemente) com este propósito. Esta interação entre o homem e a natureza é – e ao mesmo tempo produz – a evolução social. Retirar algo da natureza, ou determinar um tipo de uso para alguma parte da natureza [inclusive o próprio corpo] pode ser considerado e é o que acontece na linguagem comum, uma apropriação, que é, pois, originalmente, apenas um aspecto do trabalho. (HOBSBAWM, 1991, p. 16).

Nesse sentido, “os sentimentos e as representações do homem estão sujeitas a uma determinação ontológica, que está, inevitavelmente, subjugado às peculiaridades da história. Portanto, é possível afirmar, que toda subjetividade” (SOBRAL, 2008, p. 22) é característica dos seres humanos que,

historicamente, constitui o trabalho e é por ele constituída. Ainda, segundo Hobsbawm (1991, p. 16-17),

sendo um animal social, o homem desenvolve tanto a cooperação como uma *divisão social do trabalho* (isto é, especialização de funções) que não só é possibilitada pela produção de um *excedente* acima do que é necessário para manter o indivíduo e a comunidade da qual participa, mas também amplia as possibilidades adicionais de geração desse excedente. A existência deste excedente e da divisão social do trabalho tornam possível a *troca*. Mas, inicialmente, tanto a produção como a troca têm, como finalidade, apenas, o *uso* – isto é, a manutenção do produtor e de sua comunidade. Estes são os elementos analíticos principais em que a teoria se baseia e constituem, na realidade, extensões ou corolários do conceito original do homem como um animal social de tipo especial. (grifado no original).

Não obstante, tornar-se possível apreender que, historicamente, foram as condições materiais da vida social que mediaram a formação do pensamento, da linguagem e da capacidade de produzir conhecimento dos sujeitos humanos, que são seres sociais, históricos e cognoscente. “Em última instância, são as forças econômicas, a economia, que determinam a divisão e as relações de trabalho, os modos de produção, enfim, as modificações em todos os setores da vida [...]”, (SOBRAL, 2008, p. 22). Em tempo, cabe ressaltar, aqui, um esclarecimento sobre a “teoria geral do materialismo histórico”, que segundo Hobsbawm (1991, p. 22-23; 34),

requer apenas a existência de uma sucessão de modos de produção, e não a existência de modos específicos, nem que haja uma ordem pré-determinada para esta sucessão¹. A partir do material histórico disponível, Marx distinguiu um certo número de formações econômicas-sociais sucessivas. Mas, ainda que tivesse havido equívoco em suas observações, ou se estas fossem baseadas em informações parciais e por tanto enganadoras, a teoria geral do materialismo histórico não teria sido afetada [...] Falando de modo genérico, pode-se considerar agora três ou quatro vias alternativas de desenvolvimento a partir do sistema comunal primitivo, cada qual representando uma forma de divisão social do trabalho já existente ou implícita nela – a *oriental*, a *antiga*, a *germânica* [embora Marx não a limite, naturalmente, a um só povo] e uma forma *Eslava*, um pouco obscura, que não será discutida ulteriormente mas tem afinidades com a *oriental*. Importante distinção se estabelece entre os sistemas que favorecem a evolução histórica e os que se opõem a ela. O modelo elaborado em 1845-6 apenas toca de leve este problema, embora, como vimos, o ponto de

¹ “Há, obviamente, certos limites: não é provável que uma formação econômico-social baseada numa tecnologia que exija máquinas a vapor ocorresse antes de outra que não requeira tal nível tecnológico” (nota de “pé-de-página” que acompanha a citação acima).

vista de Marx sobre desenvolvimento histórico nunca tenha sido simplesmente unilinear, nem o tenha, jamais, encarado como um mero registro do progresso. Seja como for, nos anos 1857-8 o estudo se encontrava consideravelmente mais avançado. (grifado no original).

Portanto, “o controle social exercido na divisão do trabalho, estende-se para todas as instâncias da sociedade, determinando, assim, não apenas as relações entre os gêneros, mas, também, o controle sobre a vida pública e privada” (SOBRAL, 2008, p. 23) das pessoas, incluindo a constituição da identidade pessoal (social), de gênero e sexual e, também, é claro, a identidade profissional e, inclusive, a acadêmico-científica do pesquisador.

O Método de Pesquisa Marxista

No método de investigação científico proposto por Marx – o Materialismo Dialético – a história do homem é compreendida “de frente para trás”, ou seja, partindo do presente de volta ao passado, numa concepção inversa ao modo tradicional de se “contar” a história. Ainda, para Hobsbawm (1991, p. 38), é necessário o entendimento de

que Marx não se refere à sucessão cronológica, ou mesmo à evolução de um sistema a partir de seu predecessor (embora, obviamente, seja este o caso do capitalismo com relação ao feudalismo), mas à evolução num sentido mais geral.

A passagem de um modo de produção para outro é entendida por Marx como uma fase de conflitos e revoluções. A história humana é concebida como uma sucessão de tais modos de produção, que representam etapas específicas do desenvolvimento das forças produtivas materiais. Os modos de produção tribal, comunal, feudal e burguês moderno são etapas de progresso da formação econômica da sociedade, sem, contudo, entendê-las como uma ordem pré-determinada de sucessão. O mecanismo geral das transformações sociais ocorre com o conflito entre forças produtivas, e as relações de produção abrem uma época de revolução social em que as mesmas se ajustam novamente ao nível das forças produtivas. Essa compreensão dialética é fundamental para o entendimento da teoria do progresso histórico no pensamento marxista. E, nas palavras do próprio Marx – nesta sentença,

juntamente com Friedrich Engels (1820-1895) – no texto suplementar sobre “Problemas de Periodização Histórica: 1 – DA IDEOLOGIA ALEMÃ (Parte I)”, iniciando a subdivisão (B):

A maior divisão do trabalho material e mental é a separação da cidade e campo. O antagonismo entre cidade e campo começa com a transição da barbárie para a civilização, da tribo para o Estado, da localidade para a nação, e percorre toda a história da civilização, até nossos dias [...]. (MARX; ENGELS, 1991, p. 118).

Karl Marx “herdou” de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) a tradição na qual a razão norteia todo método de pesquisa científica. Para tanto, ampliando o que já foi anunciado nos parágrafos anteriores, pode-se afirmar que seu método dialético percebe a história não por acontecimentos sequenciais, porém estanques, ou pela vida de indivíduos, personagens considerados “celebres”, heróis ou mártires, mas numa perspectiva que enxerga nas contradições históricas a chave para o entendimento dos fatos históricos, que são marcados por relações sociais.

Consoante Marconi e Lakatos (2005, p. 100), o Método Dialético está sob o jugo da “dialética materialista”, e para tanto, estes autores, para além de qualquer controvérsia, propõem uma tentativa de unificação das muitas “leis da dialética” em “quatro leis fundamentais”, que são:

- I. **ação recíproca** – “[...] as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está ‘acabada’, encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver; [...] (MARCONI; LAKATOS, 2005, p. 101, grifado no original). Ao se finalizar um processo há sempre outro se iniciando. Não obstante, tudo que existe, tanto na natureza como na sociedade, não existe de forma autônoma, solitária ou afastada, porém, as coisas, objetos e fenômenos, existem de maneira coerente e organicamente conectadas, em uma relação de interdependência recíproca.
- II. **mudança dialética**: “todo movimento, transformação ou desenvolvimento opera-se por meio das contradições ou mediante a negação de uma coisa – essa negação se refere à transformação das coisas” (MARCONI;

LAKATOS, (2005, p. 102). Isto é, a “negação” de algo é o princípio da “mudança dialética”, que transforma todas as coisas em seu oposto, o “contrário”. Portanto, se tudo é negado, então, a própria “negação”, por seu turno, também, é negada. Sendo assim, é possível afirmar que “a mudança dialética é a negação da negação”.

III. **passagem da quantidade à qualidade:** “trata-se aqui de analisar a mudança contínua, lenta ou a descontínua, através de ‘saltos’. [...] a mudança qualitativa não é obra do acaso, pois decorre necessariamente da mudança quantitativa [...]”(MARCONI; LAKATOS, 2005, p. 103-104).

IV. **interpenetração dos contrários:** parte do princípio de que “toda realidade” pressupõe “movimento”, e, ainda, que esse “movimento” é universal e se apresenta quantitativa e qualitativamente, em uma interligação na qual a quantidade pode se transformar em qualidade, e vice-versa, faz-se necessário questionar: “qual o *motor* da mudança e, em particular, da transformação da quantidade em qualidade ou de uma qualidade para outra nova?” (MARCONI; LAKATOS, 2005, p. 104-105, grifado no original).

No intuito de oferecer uma possível resposta a essa questão, a concepção de “interpenetração dos contrários ou luta dos contrários” de Marconi e Lakatos (2005, p. 105), busca compreender “a contradição”, estudando-a como “princípio do desenvolvimento” que possui três características principais:

- a) **a contradição é interna** – toda realidade é movida e não há movimento que não seja consequência de uma luta de contrários, de sua contradição interna, isto é, essência do movimento considerado e não exterior a ele. [...] Isto acontece com toda a realidade: se ela muda, é por ser, *em essência*, algo diferente dela. As contradições internas é que geram o movimento e o desenvolvimento das coisas;
- b) **a contradição é inovadora** – não basta constatar o caráter interno da contradição. É necessário, ainda, frisar que essa contradição é a *luta entre o velho e o novo*, entre o que morre e o que nasce, entre o que perece e o que se desenvolve. [...];

- c) **unidade dos contrários** – a contradição encerra dois termos que se opõem para isso, é preciso que seja uma *unidade*, a unidade dos contrários. [...] Portanto, existe unidade entre os contrários, apresentando-os em sua unidade indissolúvel. (grifado no original).

Nessa perspectiva, de acordo com as concepções de Meksenas (2011, p. 84), sobre os conceitos, métodos e práticas da pesquisa social e suas contribuições para a produção do conhecimento acadêmico-científico,

em Marx encontramos uma concepção filosófica que define a ciência e a tecnologia como produtos da história. Marx critica, portanto, a idéia da “ciência pura”, acima das relações sociais, que por ser desvinculada da política e da economia seria capaz de orientar o desenvolvimento da sociedade. A ciência é, ao contrário, produto da história e continuará a sê-lo enquanto houver relações dos indivíduos entre si e com a natureza. Isto é, só posso conhecer, conceituar e pesquisar o mundo quando admito que o indivíduo age socialmente com ou contra seus semelhantes. (grifado no original).

Sendo assim, trata-se de quem detém os meios de produção numa sociedade e de como o trabalho é organizado no interior desta. Trata-se, portanto, das relações de posse e da divisão social do trabalho que é delimitada por categorias lógicas e históricas, e que além de transitórias não são fechadas. Elas se estabelecem na realidade concreta e são sintetizadas por múltiplas mediações, nas relações sociais que compreendem os nexos constitutivos de cada etapa ou periodização da evolução histórica, que equivalem a diversificadas formas históricas de propriedade.

Considerações Finais

A teoria marxista acredita que as certezas da “história” convencional são abaladas pelo próprio movimento histórico. O marxismo busca compreender o movimento real das “coisas”, no qual o desenvolvimento histórico dá-se sob a tensão de forças opostas, geradas nas condições materiais da vida cotidiana.

Nesse entendimento, esse método compreende que a relação entre sujeito e objeto é dinâmica, apreendendo-se a realidade por intermédio do “estudo de suas ações recíprocas, utilizando-se os princípios comuns à abordagem dialética” (MENDONÇA; ROCHA; NUNES, 2008, p. 44). Além

disso, há sempre contradições, que geram contextos histórico-culturais “em constante mudança: sempre há algo que nasce e se desenvolve e algo que se desagrega e se transforma, num processo de tese, antítese e síntese” (MENDONÇA; ROCHA; NUNES, 2008, p. 44). E, ainda, segundo Meksenas (2011, p. 88),

o método de Marx concebe os fenômenos em análise como sendo históricos, dotados de materialidade e movidos pela contradição: afirmação-negação- nova afirmação. Desse método resulta a tese que concebe o conhecimento como um movimento que se dá no marco da *luta de classes* e, assim, a ciência e a pesquisa afirmam-se como fenômenos que contribuem para a manutenção da atual sociedade capitalista. Por outro lado, as classes trabalhadoras e aquela intelectualidade que se aliar a seus interesses tornar-se-ão os sujeitos da contradição dessa sociedade também no campo do conhecimento, isto é, capacitar-se-ão a estabelecer uma nova afirmação: a luta por uma nova ciência e por pesquisas comprometidas com os valores populares. (grifado no original).

Finalmente, é possível considerar que o Método Dialético em Marx busca um procedimento racional que opere um “descortinamento”, desvelando a realidade que é opaca, pois, ainda que seja real é falsa. Seu “objeto” de investigação só é “encontrado” por intermédio da mediação histórica, pelos conceitos que o sujeito da pesquisa traz consigo. Portanto, o método científico marxista procura sair do imediatismo para uma compreensão mediada da realidade, buscando uma apreensão do “real” que vai do simples ao complexo, da parte ao todo, singular ao universal, do abstrato ao concreto e da aparência à essência das coisas.

Referências

BOCK, Ana M. B.; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de L. T. A Psicologia ou as Psicologias. In: _____. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002, p. 15-30.

CHAUÍ, Marilena. **Filosofia**. São Paulo: Ática, 2001.

HOBBSAWM, Eric J. Introdução. In: MARX, Karl. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 13-64.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Métodos Científicos. In: _____. **Técnicas de Pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000, p. 83-115.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã – 1º Capítulo**: seguido das teses sobre Feuerbach, Karl Marx e Friedrich Engels. São Paulo: Centauro, 2002.

MEKSENAS, Paulo. Considerações a Respeito do Método. In: _____. **Pesquisa Social e Ação Pedagógica**: conceitos, métodos e práticas. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2011, p. 73-106.

MENDONÇA, Alzino F. de; ROCHA, Cláudia R. R.; NUNES, Helaine P. O Processo de Investigação Científica: aspectos teóricos e metodológicos. In: _____. **Trabalhos Acadêmicos**: planejamento, execução e avaliação. Goiânia: Faculdades Alves Faria, 2008, p. 35-54.

SILVA, José M. da; SILVEIRA, Emerson S. da. Trabalhos Acadêmicos. In: _____. **Apresentação de Trabalhos Acadêmicos**: normas e técnicas. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 113-208.

SOBRAL, Oswaldo José. **Representações Sociais de Sexualidade dos Professores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. 2008. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Goiânia: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, 2008.